



Prólogo

Há vários anos eu desejava escrever a respeito dos Finzi-Contini — sobre Micòl e Alberto, sobre o professor Ermanno e dona Olga — e tantos outros que moravam ou frequentavam, como eu, a casa da avenida Ercole I d'Este, em Ferrara, pouco antes de estourar a última guerra. Mas só tive o impulso e a determinação de fazê-lo efetivamente um ano atrás, em um domingo de abril de 1957.

Foi durante um de meus passeios habituais de fim de semana. Com um grupo de uns dez amigos distribuídos em dois automóveis, seguimos pela estrada Aurelia logo depois do almoço, sem um rumo preciso. A poucos quilômetros de Santa Marinella, atraídos pelas torres de um castelo medieval que haviam despontado de repente à esquerda, viramos em uma estradinha de terra batida e então nos pusemos a passear a esmo pelo areal desolado que se estendia aos pés da fortaleza: esta, examinada de perto, era bem menos medieval do que nos parecera à distância, quando a avistáramos da autoestrada, perfilando-se à contraluz sobre o deserto azul e ofuscante do Tirreno. Atingidos em cheio pelo vento, com areia nos olhos, ensurdecidos pelo estrondo da ressaca e sem nem ao menos podermos visitar o interior do castelo, pois não tínhamos a permissão de não sei que instituição de crédito romana, nos sentimos profundamente frustrados e irritados por termos querido sair de Roma em um dia como aquele, que agora, à beira-mar, nos parecia de uma inclemência pouco menos que invernal.

Caminhamos à toa por cerca de vinte minutos, seguindo a curvatura da praia. A única pessoa contente da comitiva parecia ser uma menina de nove anos, filha do jovem casal em cujo carro eu viajava. Galvanizada pelo vento, pelo mar, pelos loucos

remoinhos de areia, Giannina desafogava livremente sua natureza alegre e expansiva. Embora a mãe tivesse tentado proibi-la, ela tirara os sapatos e as meias. E avançava contra as ondas que vinham bater na orla, deixando-se banhar as pernas até acima dos joelhos. E tinha todo o ar de uma intensa diversão: tanto que dali a pouco, quando regressamos ao carro, vi passar em seus olhos negros e vívidos, cintilando sobre duas bochechas tenras e afogueadas, uma nítida sombra de lamento.

Voltamos à Aurelia e, instantes depois, chegamos ao entroncamento de Cerveteri. Como tínhamos decidido regressar imediatamente a Roma, eu estava certo de que seguiríamos em frente. Mas justo naquele ponto nosso carro reduziu a marcha mais que o necessário, e o pai de Giannina pôs o braço para fora da janela. Fazia sinal ao segundo carro, atrás de nós uns trinta metros, de que tinha a intenção de virar à esquerda. Mudara de ideia.

Assim, vimo-nos percorrendo a lisa estradinha asfaltada que leva em um instante a um pequeno vilarejo de casas em sua maioria novas, e que dali, enveredando em serpentina pelas colinas da parte interna, conduz à famosa necrópole etrusca. Ninguém pedia explicações, e eu também permaneci calado.

Saindo do povoado, a estrada em leve aclive fez o carro ir mais devagar. Agora passávamos perto dos chamados *montarozzi*, que se espalham até Tarquinia e além, mais concentrados na área das colinas que no litoral, recobrando todo aquele trecho de território do Lácio ao norte de Roma, que não é, pois, senão um imenso e quase ininterrupto cemitério. Aqui a grama é mais verde, mais densa e mais escura que na planície circundante, entre a Aurelia e o Tirreno: prova de que o eterno siroco que sopra do mar chega aqui em cima depois de perder grande parte da salsugem, e que a umidade das montanhas não distantes começa a exercer seu influxo benéfico na vegetação.

“Aonde estamos indo?”, perguntou Giannina.

Marido e mulher sentavam-se ambos no assento da frente, com a menina no meio. O pai tirou a mão do volante e a pousou nos cachos castanhos da filha.

“Vamos dar uma olhada nuns túmulos de quatro ou cinco mil anos atrás”, respondeu com o tom de quem começa a contar uma fábula e por isso não se preocupa em exagerar nos números. “Túmulos etruscos.”

“Que tristeza!”, suspirou Giannina, apoiando a nuca no encosto.

“Por que tristeza? Na escola lhe disseram quem foram os etruscos?”

“No livro de história os etruscos estão no início, perto dos egípcios e dos judeus. Mas escute, papai: quem você acha que eram mais antigos, os etruscos ou os judeus?”

O pai caiu na risada.

“Tente perguntar a este senhor”, disse, com o polegar apontado para mim.

Giannina se virou. Com a boca ocultada pela borda do encosto, lançou-me uma rápida mirada, severa, cheia de desconfiança. Esperei que repetisse a pergunta. Mas nada: no mesmo instante voltou a olhar para a frente.

Seguindo pela estrada, sempre em suave aclave e ladeada por uma fila dupla de ciprestes, grupos de moradores locais, rapazes e moças, vinham ao nosso encontro. Era o passeio de domingo. Andando de braços dados, algumas jovens às vezes formavam correntes femininas de cinco ou seis. Estranhas, dizia a mim mesmo enquanto as observava. No instante em que passávamos por elas, todas nos perscrutavam através dos vidros com olhos risonhos, nos quais a curiosidade se misturava a uma espécie de orgulho bizarro e mal dissimulado desprezo. Realmente estranhas. Bonitas e livres.

“Papai”, Giannina perguntou de novo, “por que os túmulos antigos dão menos tristeza que os mais novos?”

Um bando ainda mais numeroso de jovens que ocupavam boa parte da via, cantando sem se importar em dar passagem, forçou o carro a quase parar. O interpelado engrenou a segunda.

“Dá para entender”, respondeu. “Os mortos recentes estão mais próximos de nós, e justamente por isso gostamos mais deles. Mas os etruscos, veja, morreram há tanto tempo”, e mais

uma vez ele ia contando uma fábula, “que é como se nunca tivessem existido, como se *sempre* tivessem estado mortos.”

Outra pausa, mais longa. Ao fim da qual (já estávamos bem perto da clareira em frente à entrada da necrópole, cheia de automóveis e de ônibus) coube a Giannina ministrar sua lição.

“Mas agora que você falou isso”, proferiu com doçura, “me fez pensar que os etruscos viveram de verdade, e também gosto deles como de todos os outros.”

Assim, a visita à necrópole transcorreu sob o signo da extraordinária ternura dessa frase. Foi Giannina quem nos predisps a entender. Foi ela, a mais nova, que de algum modo nos levou pelas mãos.

Descemos então ao túmulo mais importante, reservado à nobre família Matuta: uma sala baixa e subterrânea, que acolhe uns vinte leitos fúnebres dispostos em seus nichos nas paredes de tufo, densamente adornada de estuques coloridos representando os objetos queridos e fiéis da vida de todo dia, enxadas, cordas, machados, tesouras, pás, facas, arcos, flechas, até cães de caça e pássaros do pântano. Enquanto isso, afastada de bom grado toda veleidade residual de escrúpulo filológico, eu tentava imaginar concretamente o que poderia significar para os etruscos tardios de Cerveteri, etruscos de tempos posteriores à conquista romana, a frequência assídua de seu cemitério urbano.

Exatamente como ainda hoje, nas cidades da província italiana, a cancela do campo-santo é o término obrigatório de todo passeio vespertino, vinham das habitações vizinhas quase sempre a pé — eu fantasiava —, reunidos em grupos de parentes ou consanguíneos, de simples amigos, quem sabe em bandos de jovens semelhantes às que encontramos agora há pouco na estrada, ou em duplas com a pessoa amada, e mesmo sós, para depois adentrar entre os túmulos cônicos, sólidos e maciços como os bunkers de que os soldados alemães constelaram em vão a Europa durante essa última guerra, túmulos que decerto se pareciam, tanto externa quanto internamente, com as moradias fortificadas dos vivos. Sim, tudo estava mudando — deviam

dizer a si mesmos enquanto caminhavam pela rua calçada que atravessava o cemitério de uma ponta a outra, em cujo centro as rodas de ferro dos transportes gravaram pouco a pouco, durante séculos, dois profundos sulcos paralelos. O mundo não era mais o de outrora, quando a Etrúria, com sua confederação de cidades-Estado livres e aristocráticas, dominava a península Itálica quase por inteiro. Novas civilizações, mais rústicas e populares, mas também mais fortes e aguerridas, agora dominavam o campo. Mas, no fundo, o que importava?

Ultrapassada a soleira do cemitério onde cada um deles possuía uma segunda casa, e dentro dela o leito já pronto sobre o qual, em breve, repousaria ao lado dos pais, a eternidade já não devia parecer uma ilusão, uma fábula, uma promessa de sacerdotes. O futuro atropelaria o mundo a seu talante. Ali, no entanto, no breve recinto consagrado aos mortos familiares; no coração daquelas tumbas onde, junto aos mortos, houvera o cuidado de baixar muitas das coisas que tornavam a vida bela e desejável; naquele canto de mundo protegido, abrigado, privilegiado; pelo menos ali (e seu pensamento e sua loucura ainda sopravam, depois de vinte e cinco séculos, ao redor dos túmulos cônicos, recobertos de relva selvagem), pelo menos ali jamais poderia mudar.

Quando fomos embora, já estava escuro.

De Cerveteri a Roma a distância é curta, em geral basta uma hora de carro para fazer o percurso. Contudo, naquela noite a viagem não foi tão breve. No meio do caminho, a Aurelia começou a se congestionar de carros vindos de Ladispoli e de Fregene. Fomos forçados a avançar quase como quem anda.

E então, mais uma vez, na tranquilidade e no torpor (Giannina já tinha até adormecido), eu regressava com a memória aos anos de minha primeira juventude, a Ferrara e ao cemitério judaico situado ao fundo da Via Montebello. Revia os prados extensos pontilhados de árvores, as lápides e os cipos mais densos ao longo das muralhas e das divisões internas, e, como se o tivesse diante dos olhos, o mausoléu monumental dos Finzi-Contini: um túmulo feio, é verdade — sempre ouvi esse

comentário em minha casa, desde criança —, mas ainda assim imponente e significativo, se mais não fosse pela própria importância da família.

E meu coração se apertava como nunca ao pensar que naquele túmulo, erigido, ao que parece, para garantir o repouso perpétuo de seu primeiro construtor — dele e de sua descendência —, apenas um, dentre todos os Finzi-Contini que eu conhecera e amara, ao final alcançara esse repouso. Com efeito, fora sepultado ali somente Alberto, o filho mais velho, morto em 1942 de um linfogruloma; ao passo que Micòl, a segunda filha, e o pai, o professor Ermanno, e a mãe, dona Olga, e dona Regina, a velhíssima mãe parálitica de dona Olga, deportados todos para a Alemanha no outono de 1943, sabe-se lá se tiveram uma sepultura qualquer.

Parte 1

O túmulo era grande, maciço, de fato imponente: uma espécie de templo entre o antigo e o oriental, como era moda nos cenários da *Aída* e do *Nabuco* em nossos teatros de ópera até poucos anos atrás. Em qualquer outro cemitério, inclusive no contíguo Campo-Santo Municipal, um mausoléu tão pretensioso não teria chamado a atenção; ao contrário, confundido na massa, talvez até passasse despercebido. Mas, no nosso, era o único. E assim, embora surgisse bastante longe do portão de entrada, ao fundo de um campo abandonado onde havia mais de meio século ninguém era enterrado, ele despontava e logo saltava aos olhos.

Quem confiara a construção a um distinto professor de arquitetura, responsável na cidade por vários outros massacres contemporâneos, tinha sido Moisè Finzi-Contini, bisavô paterno de Alberto e Micòl, morto em 1863, logo após a anexação dos territórios das legações pontifícias ao Reino da Itália e da sucessiva abolição definitiva, também em Ferrara, do gueto dos judeus. Grande proprietário de terras, “reformador da agricultura ferrarense” — como se lia na lápide que a prefeitura, a fim de eternizar seus méritos de “italiano e judeu”, mandara afixar ao longo da escadaria do templo da Via Mazzini, no alto do terceiro andar —, mas de gosto artístico obviamente não muito refinado, uma vez tomada a decisão de erigir um mausoléu *sibi et suis*, por fim o deixou a cargo de outros. Os anos pareciam belos, exuberantes: tudo convidava à esperança, a ousar livremente. Tomado de euforia pela recém-conquistada igualdade civil, a mesma que na juventude, durante a República Cisalpina, lhe permitira adquirir seus primeiros mil hectares de áreas aterradas, era compreensível que o rígido patriarca fosse induzido a não poupar com as despesas naquela ocasião solene. É muito provável que houvesse dado carta branca ao distinto professor de

arquitetura. E com tanto mármore de qualidade à disposição, branco de Carrara, rosa-carne de Verona, cinza manchado de preto, mármore amarelo, mármore azul, mármore esverdeado, ele por sua vez perdeu totalmente a cabeça.

O resultado foi um inacreditável pastiche que misturava ecos arquitetônicos do mausoléu de Teodorico em Ravena, dos templos egípcios de Luxor, do barroco romano e até da Grécia arcaica de Cnossos, como evidenciam as colunas atarracadas do peristilo. Mas assim foi. Aos poucos, ano após ano, o tempo, que, a seu modo, sempre ajusta tudo, acabou pondo em harmonia aquela inverossímil mescla de estilos heterogêneos. Moisè Finzi-Contini, aqui nomeado “têmpera austera de trabalhador incansável”, se foi em 1863. Sua esposa, Allegrina Camaioli, “anjo da casa”, partiu em 1875. Em 1877, ainda jovem — seguido vinte anos depois, em 1898, pela esposa Josette, dos barões Artom do ramo de Treviso —, se foi seu filho único, o engenheiro Menotti. Por fim, a manutenção da capela, que acolhera em 1914 apenas mais um membro da família, Guido, um menino de seis anos, passou claramente a mãos cada vez menos dedicadas à limpeza, ao conserto e ao reparo dos danos que se faziam sempre necessários, mas sobretudo a conter o assédio tenaz da vegetação circunstante. Os tufos de mato, um mato escuro, quase preto, de consistência pouco menos que metálica, e as samambaias e urtigas, os cardos, as papoulas foram então avançando e invadindo o espaço com liberdade crescente. De modo que em 1924, 1925, a uns sessenta anos de sua inauguração, quando eu, menino, pude vê-la pela primeira vez, a capela fúnebre dos Finzi-Contini (“um verdadeiro horror”, como sempre a definia minha mãe, cuja mão eu segurava) já se mostrava mais ou menos como é agora, pois havia tempos não sobrara mais ninguém diretamente interessado em cuidar dela. Meio afundada no verde selvático, com a superfície de seus mármore coloridos, originalmente lisa e brilhante, agora opaca e cinzenta pelo acúmulo de poeira, desgastada no teto e nos degraus externos por canículas e geadas, já então ela aparecia transformada naquele algo indefinível, rico e maravilhoso em

que se transmuda qualquer objeto deixado muito tempo submerso.

Quem sabe como e por que nasce uma vocação à solidão. O fato é que o mesmo isolamento, a mesma separação que os Finzi-Contini impuseram a seus defuntos também circundava a *outra* casa que eles possuíam, aquela que ficava ao fundo da avenida Ercole I d'Este. Imortalizada por Giosue Carducci e Gabriele d'Annunzio, essa via de Ferrara é tão conhecida pelos apaixonados por arte e poesia em todo o mundo que qualquer descrição que se fizesse dela seria necessariamente supérflua. Estamos, como se sabe, bem no coração da parte norte da cidade que foi acrescentada durante o Renascimento ao estreito burgo medieval, e que justo por isso se chama Addizione Erculea. Ampla; reta como uma espada do Castelo à Muralha degli Angeli; margeada em toda a extensão por escuros volumes de habitações senhoriais; com aquela sua tonalidade distante e sublime de vermelho-tijolo, verde-vegetal e céu que parece realmente nos levar ao infinito, a avenida Ercole I d'Este é tão magnífica, tal é seu apelo turístico, que a administração social-comunista, responsável pela prefeitura de Ferrara há mais de quinze anos, se deu conta da necessidade de não tocar nela, de defendê-la com todo o rigor de qualquer especulação imobiliária ou comercial, enfim, de conservar íntegro seu original caráter aristocrático.

A avenida é célebre; e está substancialmente intacta.

Todavia, no que diz respeito em específico à casa Finzi-Contini, embora até hoje se chegue ali pela Ercole I — se bem que, para alcançá-la, seja preciso percorrer mais de meio quilômetro suplementar através de um imenso espaço pouco ou nada cultivado; embora ela incorpore até hoje aquelas históricas ruínas de um edifício quinhentista, outrora residência ou “mansão de férias” da família d'Este, adquiridas pelo mesmo Moisé em 1850 e que mais tarde, à força de adaptações e de sucessivos restauros feitos pelos herdeiros, foram transformadas em uma espécie de castelo neogótico, à inglesa; malgrado todos os motivos de interesse remanescentes, quem sabe algo sobre

ela, eu me pergunto, quem ainda se lembra? O Guia do Touring não a menciona, e isso justifica os turistas de passagem. Porém, na própria Ferrara, nem mesmo os poucos judeus que restaram da minguante comunidade israelita parecem recordá-la.

O Guia do Touring não a menciona, e isso sem dúvida é ruim. Mas sejamos justos: o jardim, ou mais precisamente o enorme parque que circundava a casa Finzi-Contini antes da guerra e se estendia de um lado, por quase dez hectares, até o pé da Muralha degli Angeli e, de outro, até a barreira da Porta San Benedetto, constituindo por si só algo raro e excepcional (os guias do Touring do início do século nunca deixavam de mencioná-lo com um tom curioso, entre o lírico e o mundano), hoje não existe mais, literalmente. Todas as árvores de tronco largo, tílias, olmos, faias, choupos, plátanos, castanheiros, pinheiros, abetos, lariços, cedros-do-líbano, ciprestes, carvalhos, azinheiras e até palmeiras e eucaliptos, plantadas às centenas por Josette Artom, foram derrubadas nos últimos dois anos da guerra para produzir lenha, e há um bom tempo o terreno voltou a ser como era antes, quando Moisè Finzi-Contini o adquiriu dos marqueses Avogli: um dos tantos hortos existentes dentro das muralhas urbanas.

Restaria a casa principal. Mas o grande e singular edifício, severamente danificado por um bombardeio em 1944, ainda hoje está ocupado por umas cinquenta famílias de desabrigados, pertencentes àquele mesmo subproletariado semelhante à plebe das periferias romanas, que continua se espremendo sobretudo nas passagens do Palazzone da Via Mortara: gente embrutecida, selvagem, intolerante (meses atrás, pelo que eu soube, receberam a pedradas o inspetor municipal de Saúde, que fora até ali de bicicleta para uma vistoria), pessoas que, tentando desencorajar qualquer plano eventual de despejo por parte da Superintendência dos Monumentos da Emília-Romanha, parecem ter tido a bela ideia de raspar das paredes os últimos resquícios de pinturas antigas.

Ora, por que mandar pobres turistas para uma cilada dessas? — imagino que se perguntaram os organizadores da edição mais recente do guia. E, aliás, para ver o quê?

Se era possível dizer que o túmulo de família dos Finzi-Contini era um “horror” e debochar dele, já sobre a casa, isolada entre os mosquitos e as rãs do canal Panfilio e as fossas de esgoto, invejosamente apelidada de “*magna domus*”, sobre essa, não, nem mesmo depois de cinquenta anos era possível escarnecê-la. Ah, mas não precisava muito para ainda se sentir ofendido com aquilo! Bastava, sei lá, ter de passar ao longo do interminável muro que delimitava o jardim pelo lado da avenida Ercole I d'Este, muro interrompido, mais ou menos na metade, por um solene portão de carvalho escuro desprovido de qualquer tipo de puxador; ou, do outro lado, pelo alto da Muralha degli Angeli sobre o parque, penetrar com a vista no emaranhado selvático dos troncos, dos galhos e da folhagem abaixo, até entrever o estranho e agudo perfil da morada patricia, tendo muito atrás de si, às margens de uma clareira, a mancha parda da quadra de tênis — e logo a velha indelicadeza do desconhecimento e da separação tornava a machucar, a queimar quase como no princípio.

Que ideia de novo-rico, que ideia bizarra!, meu próprio pai costumava repetir com uma espécie de exaltado rancor, toda vez que lhe ocorria tocar no assunto.

Certo, certo, admitia: os ex-proprietários do lugar, os marqueses Avogli, tinham sangue “azulíssimo” nas veias; jardim e ruínas hasteavam *ab antiquo* o mui decorativo nome de Barchetto del Duca: tudo coisa excelente, é claro!, tanto mais que Moisè Finzi-Contini, a quem era reconhecido o indubitável mérito de ter “visto” a ocasião, ao fechar o negócio não deve ter desembolsado mais que os proverbiais dois tostões. Mas e daí?, acrescentava no mesmo instante. Era realmente preciso que, apenas por isso, o filho de Moisè, Menotti, chamado, não sem

sentido, pela cor de seu excêntrico casaco forrado de marta, “*al matt mugnàga*”, o damasco maluco, tomasse a decisão de transferir-se com a mulher, Josette, para uma zona da cidade tão fora de mão, hoje insalubre, imagine então na época!, e além disso tão deserta, melancólica e acima de tudo inadequada?

E que eles, os pais, tivessem paciência, pois pertenciam a outra época e no fundo podiam perfeitamente bancar o luxo de investir todo o dinheiro que quisessem em pedras antigas. Que tivesse paciência sobretudo ela, Josette Artom, dos barões Artom do ramo de Treviso (mulher magnífica em seus melhores dias: loura, seios fartos, olhos azul-celeste, e de fato a mãe era de Berlim, uma Olschky), que, além de delirar pela casa Savoia a ponto de em maio de 1898, pouco antes de morrer, ter tomado a iniciativa de mandar um telegrama aplaudindo o general Bava Beccaris, que canhoneou aqueles pobres-diabos socialistas e anarquistas milaneses, além de admiradora fanática da Alemanha e do elmo pontiagudo de Bismarck, nunca tivera o cuidado, desde que o marido, Menotti, eternamente a seus pés, a dispusera em seu Walhalla, de disfarçar sua aversão ao ambiente judeu de Ferrara, para ela demasiado estreito — como dizia — e, no fundo, embora a coisa fosse bastante grotesca, *seu fundamental antissemitismo*. No entanto, o professor Ermanno e dona Olga (ele, um homem de estudos, ela, uma Herrera de Veneza, ou seja, nascida em uma família sefardita ocidental *muito* boa, sem dúvida, mas bastante arruinada, e de resto observantíssima), que raça de gente eles meteram na cabeça que também eram? Nobres autênticos? Mas se entende, ah, se entende: a perda do filho Guido, o primogênito morto em 1914 com apenas seis anos, após um ataque de paralisia infantil de tipo americano, fulminante, contra o qual nem mesmo Corcos pôde fazer nada, devia ter sido para eles um golpe duríssimo: especialmente para ela, dona Olga, que desde então não tirou mais o luto. Mas afora isso havia algum motivo para que — ora, ora —, de tanto viverem apartados, também lhes subisse à cabeça uma ideia dessas, recaindo nas mesmas manias absurdas de Menotti Finzi-Contini e de sua digníssima esposa?

Aristocracia coisa nenhuma! Em vez de se dar tantos ares, seria bem melhor, ao menos para eles, não se esquecerem de quem eram, de onde vinham, se é certo que os judeus — sefarditas ou asquenazitas, ponentinos ou levantinos, tunisinos, berberes, iemenitas e até etíopes —, em qualquer parte da terra e sob qualquer céu que a história os tenha dispersado, são e sempre serão judeus, vale dizer, parentes próximos. Mas o velho Moisé não se dava ares, longe disso! Não tinha nuvens nobiliárquicas na cabeça! Quando morava no gueto, na Via Vignatagliata, número 24, na casa onde, resistindo às pressões da arrogante nora de Treviso, impaciente por se mudar o mais rápido possível para o Barchetto del Duca, desejara a todo custo morrer, era ele mesmo quem ia fazer as compras, carregando sua boa cesta debaixo do braço: justo ele que, apelidado por isso mesmo de “*al gatt*”, o gato, tirara *sua* família do nada. Porque uma coisa era certa: se não havia dúvida de que “la” Josette descera a Ferrara fazendo-se acompanhar de um grande dote, que consistia em uma *villa* na zona de Treviso afrescada por Tiepolo, em um polpudo cheque e, é claro, em joias, muitas joias, que nas estreias do Municipal, contra o fundo de veludo vermelho de seu camarote, atraíam ao seu reluzente decote os olhares de todo o teatro, não menos acertado era que tinha sido *al gatt*, e apenas ele, quem amealhara nos baixios ferrarenses, entre Codigoro, Massa Fiscaglia e Jolanda di Savoia, os milhares de hectares nos quais *ainda hoje* se fundava o grosso do patrimônio familiar. O jazigo monumental no cemitério: aí estava o único erro, o único pecado (sobretudo de gosto), do qual se podia acusar Moisé Finzi-Contini. Além disso, nada.

Era o que dizia meu pai, sobretudo na Páscoa, durante os longos jantares que continuaram ocorrendo em nossa casa mesmo depois da morte do *nonno* Raffaello, para os quais vinham uns vinte parentes e amigos; mas também no Kippur, quando os mesmos parentes e amigos voltavam para romper o jejum.

Mas me lembro de um jantar de Páscoa em que, às costumeiras críticas — amargas, genéricas, sempre as mesmas, feitas sobretudo pelo gosto de evocar as velhas histórias da

comunidade —, meu pai acrescentou algumas novas e surpreendentes.

Foi em 1933, ano da chamada “celebração Decenal”. Graças à “clemência” do Duce, que de repente, quase inspirado, decidira abrir os braços a todo “agnóstico ou adversário de ontem”, no âmbito de nossa comunidade o número de inscritos no Partido Fascista também pôde subir de repente a noventa por cento. E meu pai, que se sentava na ponta da mesa, em seu posto habitual à cabeceira, o mesmo posto de onde o *nonno* Raffaello pontificara por várias décadas com bem mais autoridade e rigor, não deixara de regozijar-se com o evento. O rabino, dr. Levi, fizera muito bem — dizia — ao mencionar o fato em seu discurso, pronunciado recentemente na escola italiana, quando, na presença das maiores autoridades locais — o prefeito, o secretário federal, o interventor, o general de brigada e comandante da guarnição —, comemorou o Estatuto!

Apesar disso, papai não estava de todo contente. Em seus olhos azuis de menino, cheios de ardor patriótico, eu lia uma sombra de desapontamento. Ele devia ter percebido um embaraço, um pequeno obstáculo inesperado e incômodo.

De fato, tendo a certa altura começado a contar nos dedos quantos de nós, “*judim ferrarenses*”, haviam continuado de fora, e chegando por fim a Ermanno Finzi-Contini, que na verdade nunca se filiara, mas no fundo, levando ainda em conta o conspícuo patrimônio agrícola de que era proprietário, nunca se entendeu muito bem o porquê; subitamente, como se irritado consigo e com a própria descrição, decidiu dar notícia de dois acontecimentos curiosos, talvez não relacionados entre si — advertiu —, mas nem por isso menos significativos.

Primeiro: que quando o advogado Geremia Tabet, em sua condição de *Sansepolcrista* e amigo íntimo do secretário federal, dirigiu-se ao Barchetto del Duca precisamente para oferecer ao professor a carteirinha já preenchida com seu nome, não só teve de aceitá-la de volta, mas dali a pouco, muito gentilmente, sem dúvida, porém de modo decidido, viu-se convidado a se retirar do local.

“E com que desculpa?”, indagou alguém, em surdina. “Nunca se soube que Ermanno Finzi-Contini fosse um leão.”

“Com que desculpa recusou?”, meu pai desandou a rir. “Ah, com alguma das suas, quer dizer, que ele é um estudioso (aliás, queria muito saber de qual matéria!), que é velho demais, que nunca tratou de política em sua vida etc. etc. De resto, o amigo foi esperto. Deve ter notado a expressão enfezada de Tabet e então, paf!, deixou deslizar no bolso do outro cinco cédulas de mil.”

“Cinco mil liras!”

“Com certeza. A serem remetidas em favor das Colônias Marítimas e Montanhosas da Obra Nacional Balilla. Uma bela ideia, não? Mas escutem a segunda novidade.”

E passou a informar aos comensais como o mesmo professor, com carta endereçada alguns dias antes ao conselho da comunidade por meio do advogado Renzo Galassi-Tarabini (podia ter escolhido um representante mais hipócrita, papahóstia e mais carola que esse?), havia solicitado de modo oficial a permissão para restaurar às próprias custas, “para uso da família e de eventuais interessados”, a pequena e antiga sinagoga espanhola da Via Mazzini, havia pelo menos três séculos subtraída do culto e transformada em depósito de despejo.

Em 1914, quando o pequeno Guido morreu, o professor Ermanno tinha quarenta e nove anos, e dona Olga, vinte e quatro. O menino se sentiu mal, foi posto na cama com febre altíssima e logo caiu em profundo torpor.

O dr. Corcos foi chamado às pressas. Depois de um mudo e interminável exame, feito com o cenho fechado, Corcos ergueu bruscamente a cabeça e cravou os olhos, grave, primeiro no pai e em seguida na mãe. As duas miradas do médico da família foram longas, severas, estranhamente desdenhosas. Entretanto, sob os grossos bigodes umbertinos já totalmente grisalhos, seus lábios se dobraram na careta amarga, quase de vitupério, dos casos sem solução.

“Não há mais nada a fazer”, foi o que quis dizer o dr. Corcos com aqueles olhares e aquela careta. Mas, quem sabe, talvez fosse algo mais. Ou seja, que também ele, dez anos atrás (e vai saber se mencionou o episódio naquele mesmo dia, antes de se despedir, ou se, como acontece, apenas cinco dias depois, dirigindo-se ao *nonno* Raffaello, enquanto ambos seguiam passo a passo o imponente funeral), também ele havia perdido um menino, o seu Ruben.

“Também conheci esse sofrimento, sei bem o que significa ver morrer um filho de cinco anos”, disse de repente Elia Corcos.

De cabeça baixa e com as mãos apoiadas no guidão da bicicleta, o *nonno* Raffaello caminhava a seu lado. Parecia estar contando um a um os pedriscos da avenida Ercole I d'Este. A essas palavras, de fato inusitadas na boca do amigo cético, virou-se espantado para olhá-lo.

Afinal, o que é que sabia o próprio Elia Corcos? Tinha examinado com vagar o corpo inerte do menino, decretado para

si o prognóstico infausto, e então, ao erguer os olhos, os cravara na expressão petrificada dos dois genitores: o pai, já um velho, a mãe, ainda jovem. Por quais caminhos teria podido descer e ler naqueles corações? E quem mais o faria, no futuro? O epitáfio dedicado ao pequeno morto no túmulo-monumento do cemitério israelita (sete linhas brandamente gravadas e pintadas em um humilde retângulo vertical de mármore branco...) diria apenas:

Ai!

GUIDO FINZI-CONTINI

(1908-1914)

eleito em forma e espírito
seus pais se preparavam
para amá-lo cada vez mais
e não para chorá-lo

Cada vez mais. Um soluço contido, e só. Um peso no coração não compartilhado com nenhuma outra pessoa no mundo.

Alberto nascera em 1915; Micòl, em 1916: tínhamos mais ou menos a mesma idade. Não foram mandados nem para a escola judaica da Via Vignatagliata, onde Guido frequentara o primeiro ano preparatório sem o concluir, nem, mais tarde, para o liceu-ginásio público G. B. Guarini, precoce caldeirão da melhor sociedade judaica e não judaica da cidade, e também um local de convívio. Em vez disso estudavam em casa, tanto Alberto quanto Micòl, com o professor Ermanno interrompendo de vez em quando seus estudos de geografia, física e história das comunidades judaicas da Itália a fim de vigiar seus progressos de perto. Eram os anos loucos, mas a seu modo generosos, do primeiro fascismo na Emília-Romanha. Cada ação e cada comportamento eram julgados — inclusive por quem, como meu pai, citava de bom grado Horácio e sua *aurea mediocritas* — por meio do crivo grosseiro do patriotismo ou do derrotismo. Mandar os próprios filhos à escola pública era em geral considerado patriótico. Não mandá-los, derrotismo: e, portanto,

para todos os que os mandavam, uma atitude de certo modo ofensiva.

Não obstante, apesar de tão segregados, Alberto e Micòl Finzi-Contini sempre mantiveram uma frágil ligação com o ambiente externo e com os garotos que, como nós, frequentavam a escola pública.

Eram dois os professores do Guarini que nos serviam de ponte.

O professor Meldolesi, por exemplo, nosso docente no quarto ginásial de italiano, latim, grego, história e geografia, pegava a bicicleta em tardes alternadas e, do bairro de casinhas que surgira naqueles anos além da Porta San Benedetto, onde morava sozinho num cômodo mobiliado de cuja vista e exposição ele frequentemente se gabava, ia até o Barchetto del Duca e lá ficava às vezes três horas seguidas. O mesmo fazia a sra. Fabiani, titular de matemática.

Na verdade, da professora nunca se soube nada. De origem bolonhesa, viúva sem filhos já passada dos cinquenta anos, muito devota, durante as sabatinas sempre a víamos como se estivesse a ponto de ser arrebatada em êxtase. Arregalava continuamente os olhos azul-celeste, flamengos, e balbuciava para si. Rezava. Rezava por nós com certeza, coitados, quase todos incapazes para a álgebra; mas talvez também para apressar a conversão ao catolicismo dos senhores israelitas cuja casa ela visitava duas vezes por semana. A conversão do professor Ermanno e de dona Olga, mas também a dos dois garotos, sobretudo Alberto, tão inteligente, e Micòl, tão viva e graciosa, devia parecer-lhe uma missão muito importante, muito urgente, para que se arriscasse a comprometer sua probabilidade de êxito com alguma indiscrição banal na escola.

Ao contrário, o professor Meldolesi não omitia absolutamente nada. Nascido em Comacchio de uma família camponesa, educado em seminário até o liceu (tinha muito do pároco, do pequeno, arguto e quase feminino pároco de aldeia), passou depois a estudar letras em Bolonha a tempo de assistir às últimas lições de Giosue Carducci, de quem se vangloriava ser “humilde

discípulo”; as tardes transcorridas no Barchetto del Duca, em um ambiente saturado de memórias renascentistas, com o chá das cinco tomado em companhia de toda a família — e dona Olga frequentemente voltava do parque àquela hora, os braços cheios de flores —, e até mais tarde, em certas ocasiões, na biblioteca, gozando até o anoitecer da douda conversa do professor Ermanno, aquelas tardes extraordinárias evidentemente representavam para ele algo de muito precioso para que não as transformasse em matéria, inclusive conosco, de contínuos discursos e divagações.

Seu entusiasmo e agitação ultrapassaram todos os limites desde a noite em que o professor Ermanno lhe revelou que Carducci, em 1875, foi hóspede de seus pais por uns dez dias, mostrando-lhe então o aposento que ele havia ocupado, deixando-o tocar a cama em que ele dormira e entregando-lhe por fim, para que levasse para casa e assim pudesse examiná-lo confortavelmente, um “maço” de cartas autógrafas enviadas pelo poeta à sua mãe. A ponto de convencer-se, e de tentar nos convencer também, de que o famoso verso da *Canção de Legnano*:

Ó loura, ó bela imperatriz, fiel

no qual são claramente prenunciados os ainda mais famosos:

*De onde vieste? E quais a nós séculos
tão branda e bela te transmitiram...^[1]*

e, ainda, que a clamorosa conversão do grande filho da Maremma ao “eterno feminino real” de Savoia tivessem sido justamente inspirados pela avó paterna de seus alunos particulares Alberto e Micòl Finzi-Contini. Ah, que magnífico tema seria — suspirara certa vez na aula o professor Meldolesi — para um artigo a ser enviado à mesma *Nuova antologia* em que Alfredo Grilli, o amigo e colega Grilli, vinha publicando havia tempos seus agudos comentários sobre Renato Serra! Mais cedo

ou mais tarde, usando toda a delicadeza necessária ao caso, é claro, ele pensaria em um modo de tocar no assunto com o proprietário das cartas. E quisera o céu que o professor, levando em conta a quantidade de anos passados, e dada a importância e, obviamente, o perfeito decoro de uma correspondência em que Carducci se dirigia à dama apenas em termos de “amável baronesa”, de “anfitriã gentilíssima” e semelhantes, quisera o céu que ele não recusasse! Na feliz hipótese de um sim, ele, Giulio Meldolesi — contanto que, além disso, lhe fosse dado o explícito consentimento por parte de quem tinha todo o direito de dá-lo ou negá-lo —, cuidaria de copiar uma a uma as cartas, fazendo acompanhar aqueles santos fragmentos, aquelas centelhas venerandas, de um comentário mínimo. Com efeito, o texto da correspondência carecia de quê? De nada mais que uma introdução de caráter geral, integrada se tanto por uma discreta nota histórico-filológica de rodapé...

Mas, além dos docentes que tínhamos em comum, também havia as provas reservadas aos alunos particulares — provas que ocorriam em junho, simultaneamente a outros exames, como os de Estado e os dos alunos internos —, as quais nos punham ao menos uma vez por ano em contato com Alberto e Micòl.

Para nós, alunos internos, em especial se aprovados nos exames, aqueles talvez fossem nossos melhores dias. Como se de repente já sentíssemos saudades do tempo recém-terminado das aulas e dos deveres de casa, em geral não achávamos melhor lugar para nos encontrarmos que o átrio do instituto. Demorávamo-nos no hall vasto, fresco e penumbroso como uma cripta, aglomerando-nos diante das grandes folhas brancas com as avaliações finais, fascinados com nossos nomes e os de nossos colegas, que só de lê-los assim, transcritos em preciosa caligrafia e expostos sob o vidro por trás de uma leve grade de ferro, não acabavam nunca de nos espantar. Era ótimo não ter mais nada a temer quanto à escola, era bom poder sair dali a pouco para a luz límpida e azul das dez da manhã, sedutora, lá fora, através do portão de entrada, bom ter pela frente longas horas de ócio e liberdade a serem gastas como bem quiséssemos. Tudo

magnífico, tudo estupendo naqueles primeiros dias de férias. E que felicidade ao pensar continuamente na partida próxima rumo ao mar ou à montanha, onde quase se perdia a lembrança dos estudos que ainda esgotavam e angustiavam tantos outros!

E lá estavam, dentre esses *outros* (em sua maioria, rústicos garotos do campo, filhos de lavradores preparados para os exames pelo pároco do vilarejo, que antes de transpor a soleira do Guarini miravam ao redor, perdidos como bezerros levados ao matadouro), lá estavam Alberto e Micòl Finzi-Contini, em pessoa: esses não iam nem um pouco perdidos, acostumados que estavam, por anos, a se apresentar e triunfar. Talvez levemente irônicos, sobretudo em relação a mim, quando, atravessando o átrio, me notavam entre meus colegas e me cumprimentavam de longe com um aceno e um sorriso. Mas sempre educados e gentis, talvez até em excesso: como se fossem os anfitriões.

Nunca vinham a pé, muito menos de bicicleta, mas em uma carruagem: um *brum* azul-escuro, de grandes rodas emborrachadas, os varais vermelhos, e todo ele lustroso de vernizes, cristais e cromados.

A carruagem esperava em frente ao portão do Guarini por horas e horas, só se deslocando para buscar uma sombra. E é preciso dizer que examinar aquela estrutura de perto, em todos os seus detalhes, do corcel poderoso que de quando em quando pisoteava calmamente, a cauda cortada e a crina aparada curta, em escova, até a minúscula coroa nobiliárquica que despontava prateada contra o azul das portinholas, obtendo às vezes do cocheiro em uniforme simples, mas sentado na boleia como em um trono, a permissão de subir em um dos estribos laterais a fim de que pudéssemos admirar à vontade, narizes esmagados contra o vidro, o interior todo cinza e felpudo, na penumbra (parecia uma sala de recepção: em um canto havia até algumas flores dentro de um fino vaso oblongo, em forma de cálice...), isso também podia ser um prazer, e sem dúvida era: um dos tantos prazeres aventureiros de que sabiam ser pródigas aquelas manhãs maravilhosas, adolescentes, da primavera tardia.

No que concerne a mim, pessoalmente, em minhas relações com Alberto e Micòl sempre houve algo de mais íntimo. Os olhares de entendimento, os acenos de confiança que irmão e irmã me endereçavam toda vez que nos encontrávamos nos arredores do Guarini só aludiam a isso, eu bem sabia, e diziam respeito a nós, apenas a nós.

Algo de mais íntimo. Mas o quê, exatamente?

Entende-se: em primeiro lugar, éramos judeus, e em todo caso isso seria mais que suficiente. Na prática, entre nós podia nunca ter havido nada, nem sequer o pouco que decorria de termos trocado algumas palavras de tempos em tempos. Mas a circunstância de sermos quem éramos, de ao menos duas vezes por ano, na Páscoa e no Kippur, nos apresentarmos com nossos respectivos pais e parentes próximos diante de certo portão na Via Mazzini — e amiúde ocorria que, depois de termos ultrapassado a entrada todos juntos, o átrio seguinte, estreito e um tanto escuro, obrigasse os mais velhos a chapeladas, apertos de mão e mesuras obsequiosas que no resto do ano não tinham nenhuma oportunidade de trocar —, a nós, jovens, não era preciso mais nada para que, encontrando-nos em outros lugares, sobretudo na presença de estranhos, corresse imediatamente em nossos olhos a sombra ou o riso de certa cumplicidade e conivência especiais.

Entretanto, em nosso caso, o fato de sermos judeus e de estarmos inscritos nos registros da mesma comunidade israelita ainda contava bem pouco. Porque, afinal de contas, o que significava a palavra “judeu”? Que sentido podia ter, *para nós*, expressões como “comunidade israelita” ou “universidade israelita”, uma vez que prescindiam completamente da existência dessa intimidade ulterior, secreta, apreciável em seu

ao nosso posto sem suscitar a mais viva curiosidade nos circunstantes.

Como já disse, nossos bancos eram próximos, um atrás do outro. Ocupávamos o banco da frente, na primeira fila, e os Finzi-Contini, o que ficava imediatamente atrás. Mesmo que quiséssemos, teria sido muito difícil nos ignorarmos.

De minha parte, atraído pela diversidade na mesma medida em que meu pai era repelido por ela, eu estava sempre muito atento a qualquer gesto ou cochicho que viesse do banco de trás. Não ficava quieto um instante. Seja porque conversasse em surdina com Alberto, que era dois anos mais velho que eu, é verdade, mas ainda precisava “entrar no *minyan*”,^[3] e mesmo assim, tão logo chegava, já se envolvia no grande *taled* de lã branca e linhas pretas que antes pertencera ao “*nonno Moisé*”; seja porque o professor Ermanno, sorrindo gentilmente para mim através das lentes grossas, me convidasse com um sinal do dedo a observar as gravuras em cobre que ilustravam a antiga Bíblia tirada por ele da gaveta especialmente para mim; seja porque, fascinado, escutasse boquiaberto os irmãos de dona Olga, o engenheiro das ferrovias e o fisiólogo, conversarem entre si meio em vêneto e meio em espanhol (“*Cossa xé che stas meldando? Su, Giulio, alevantate, ajde! E procura de far star in pié anca il chico*”),^[4] e depois parar de repente para unir-se com voz altíssima, em hebraico, às litâneas do rabino — de um modo ou de outro, eu estava quase sempre com a cabeça virada para trás. Perfilados em seus assentos, os dois Finzi-Contini e os dois Herrera estavam ali, a pouco mais de um metro entre si, e no entanto muito distantes, inatingíveis: como se estivessem protegidos por uma redoma de cristal. Não se pareciam uns com os outros. Altos, magros, calvos, de rostos pálidos e compridos sombreados pela barba, vestidos sempre de azul ou de preto, e além disso habituados a pôr em sua devoção uma intensidade e um ardor fanáticos, de que o cunhado e o sobrinho nunca seriam capazes, bastava observá-los, os parentes de Veneza pareciam pertencer a uma civilização completamente estranha aos suéteres e meiões cor de tabaco de Alberto, às lãs inglesas e aos

Porém certa vez, em junho de 1929, no mesmo dia em que expuseram no átrio do Guarini as notas do exame de conclusão do ginásio, aconteceu algo muito mais direto e peculiar.

Eu não tinha ido muito bem nas provas orais.

Embora o professor Meldolesi tivesse feito muito em meu favor, inclusive assumindo para si, contra todas as regras, o encargo de me examinar, quase nunca me mostrei à altura dos numerosos sete e oito que enfeitavam meu boletim nas disciplinas literárias. Ao ser questionado, em latim, sobre a *consecutio temporum*, acabei fazendo uma série de trapalhadas. Em grego também respondi de modo muito trôpego, em especial quando puseram debaixo de meu nariz uma página da edição Teubner da *Anábasis* para que eu traduzisse algumas linhas à primeira vista. Mais tarde, consegui me reabilitar um pouco. Em italiano, por exemplo, além de ter exposto com razoável desenvoltura o conteúdo tanto de *Os noivos* quanto o de *As recordações*, recitei de cor as primeiras três oitavas do *Orlando furioso* sem tropeçar uma única vez: e ao final Meldolesi prontamente me premiou com um “bravo!” tão entusiástico que fez toda a banca sorrir, até a mim. Mas no conjunto, repito, nem na área de letras meu rendimento correspondeu à reputação de que eu gozava.

Contudo, o verdadeiro fiasco aconteceu em matemática.

Desde o ano anterior, a álgebra teimava em não me entrar na cabeça. Pior. Contando com o apoio indefectível que eu teria do professor Meldolesi nos exames finais, sempre agi de modo bastante mesquinho com a professora Fabiani: estudava o mínimo necessário para arrancar um seis e muitas vezes nem sequer aquele mínimo. Que importância podia ter a matemática para alguém que na universidade se inscreveria em letras?,

“*Psii!* ”

Ergui lentamente a cabeça, virando-a para a esquerda, para o lado do sol. Pisquei os olhos. Quem estava me chamando? Otello não podia ser. Mas quem?

Eu estava mais ou menos na metade daquele trecho da muralha urbana, de uns três quilômetros de extensão, que começa no ponto onde a avenida Ercole I d'Este termina para acabar em Porta San Benedetto, em frente à estação. O local sempre foi bastante solitário. Era assim trinta anos atrás, e o é ainda hoje, embora mais à direita, ou seja, na parte da zona industrial, tenham surgido a partir de 1945 dezenas e dezenas de casinhas coloridas de operários, diante das quais, e das chaminés e dos galpões que lhes serve de fundo, o esporão semiderruído, escuro, coberto de mato e selvagem do baluarte quatrocentista parecia a cada dia mais absurdo.

Eu olhava e procurava, semicerrando os olhos ao clarão. A meus pés (apenas agora eu me dava conta), as frondes das nobres árvores, entranhadas de luz meridiana como as de uma floresta tropical, estendia-se o Barchetto del Duca: imenso, realmente interminável, tendo ao centro, meio ocultos na vegetação, as torrezinhas e os pináculos da *magna domus*, e delimitado em todo o perímetro por um muro externo interrompido duzentos e cinquenta metros mais à frente, a fim de deixar passar o canal Panfilio.

“Ei! Mas você também é cego?!”, disse uma voz alegre de menina.

Por causa dos cabelos louros, daquele louro peculiar, estriado em cachos nórdicos, de *fille aux cheveux de lin*, e que só pertenciam a ela, reconheci imediatamente Micòl Finzi-Contini. Surgia no alto do muro como se estivesse em uma sacada, despontando com ambos os ombros e se apoiando nos braços cruzados. Devia estar a não mais que uns vinte e cinco metros de distância (portanto bastante próxima para que eu pudesse enxergar seus olhos, que eram claros, grandes, talvez grandes demais naquela época, no rosto pequeno e magro de menina), e me observava de cima a baixo.

Quantos anos se passaram desde aquela tarde longínqua de junho? Mais de trinta. No entanto, se fecho os olhos, Micòl Finzi-Contini ainda está lá, no alto do muro externo de seu jardim, me olhando e conversando comigo. Em 1929, Micòl era pouco mais que uma menina, uma adolescente de treze anos, magra e loura, de olhos grandes e claros, magnéticos; eu era um rapazinho de calças curtas, muito burguês e muito vaidoso, que um pequeno inconveniente escolar bastara para lançar ao desespero mais infantil. Ambos nos mirávamos. Sobre sua cabeça o céu estava azul e compacto, um sol quente já de verão, sem nenhuma nuvem. Parecia que nada poderia mudá-lo, e de fato nada mudou, ao menos na memória.

“Então, quer ou não quer?”, insistiu Micòl.

“Bem... Não sei...”, comecei a falar, apontando para o muro. “Acho que é muito alto.”

“É porque você não olhou direito”, rebateu impaciente. “Olhe ali... e ali... e ali”, e indicava com o dedo, para que eu observasse melhor. “Há um monte de entalhes, e até um prego, aqui em cima. Fui eu que botei.”

“É verdade, até que tem uns pontos de apoio”, balbuciei hesitante, “mas...”

“Apoios?!”, ela me interrompeu, caindo na risada. “Eu chamo isso de entalhes.”

“Errado, porque isso aqui são pontos de apoio”, insisti, teimoso e ácido. “Dá para ver que você nunca esteve na montanha.”

Desde menino sempre sofri de vertigem, e, apesar de modesta, a escalada me preocupava. Na infância, quando mamãe, com Ernesto no colo (Fanny ainda não havia nascido), me levava ao Montagnone, e ela se sentava na grama da ampla esplanada

“Venha”, disse, toda vermelha e desgrenhada.

Então se virou e começou a escalar de banda, ao longo da face ensolarada do muro. Ajudava-se com a mão direita, agarrando-se aos tufos de mato; ao mesmo tempo, erguendo a esquerda à altura da cabeça, ia tirando e ajeitando de novo o arquinho nos cabelos. Repetiu a manobra várias vezes, rápida como quem se penteia.

“Está vendo aquele buraco ali?”, disse-me assim que chegamos ao topo. “Você pode esconder a bicicleta ali dentro.”

A uns cinquenta metros de distância, me indicava um desses montículos cônicos cobertos de mato, de cerca de dois metros de altura e com uma abertura quase sempre enterrada, com os quais topamos frequentemente ao circundar as muralhas de Ferrara. Olhando bem, eles se parecem um pouco com os *montarozzi* etruscos dos campos romanos; em escala muito menor, é claro. Com a diferença de que a câmara subterrânea, muitas vezes bem ampla, a que alguns deles davam ainda acesso, nunca serviu de casa para nenhum defunto. Os antigos defensores da muralha punham armas ali: colubrinas, arcabuzes, pólvora etc. E talvez até aquelas estranhas balas de canhão em mármore nobre, que nos séculos XV e XVI tornaram a artilharia ferrarense tão temida na Europa, das quais alguns exemplares ainda podiam ser vistos no Castelo, dispostos lá como ornamento no pátio central ou nos terraços.

“Você acha que alguém vai pensar que tem uma Wolsit novinha lá embaixo? Seria preciso saber. Você já esteve num deles?”

Fiz que não com a cabeça.

“Não? Eu já, um montão de vezes: é *fantástico*.”

Partiu decidida, e eu, pegando a Wolsit do chão, a segui em silêncio.

Alcansei-a no limiar da abertura. Era uma espécie de fissura vertical, talhada vivamente no manto de relva compacta que revestia o montículo: tão estreita que não permitia a passagem de mais de uma pessoa por vez. Logo além do limiar começava a descida, e era possível enxergar por oito, dez metros, não mais.

houvesse existido, bate o portão sem hesitar.

E mamãe? Mais cedo ou mais tarde eu não podia, quem sabe por meio de Micòl, fazer que ao menos ela soubesse que eu não estava morto? E até revê-la, antes que, cansado de minha vida subterrânea, eu fosse embora de Ferrara e sumisse definitivamente? Por que não? É claro que eu podia!

Não sei quanto tempo fiquei ali. Talvez dez minutos, talvez menos. Mas lembro com precisão que, enquanto subia os degraus e me enfiava pelo cunículo (agora, aliviado do peso da bicicleta, eu seguia depressa), continuava pensando e devaneando. E mamãe?, perguntava-me. Ela também se esquecerá de mim como todo mundo?

Por fim me vi ao ar livre; Micòl já não estava me esperando onde eu a deixara pouco antes, mas, como vi quase na mesma hora, protegendo os olhos da luz do sol com uma mão, estava de novo lá em cima, sentada a cavalo no muro externo do Barchetto del Duca.

Parecia empenhada em discutir e argumentar com alguém do outro lado do muro: provavelmente o cocheiro Perotti, ou talvez o próprio professor Ermanno. Claro: ao perceberem a escada apoiada no muro, imediatamente se deram conta de sua pequena evasão. Agora a convidavam a descer. E ela hesitava em obedecer.

A certa altura, ela se virou e me avistou no alto do barranco. Então encheu as bochechas como se dissesse:

“Ufa! Até que enfim!”

Antes de desaparecer de cima do muro, seu último olhar (acompanhado de um trejeito sorridente, igual àquele de quando me espiava no templo sob o *taled* paterno) tinha sido para mim.

Era o único que permanecia ali. Estava sentado na poltrona ao lado da mesinha do rádio, em sua espera habitual e ansiosa pelo noticiário das duas.

“Alberto Finzi-Contini.”

“Quem? O rapaz? Quanta deferência! E o que ele queria?”

Perscrutava-me com os olhos azuis, perdidos, que havia muito tinham renunciado à esperança de me impor qualquer coisa, de tentar imaginar o que se passava em minha cabeça. Tinha perfeita consciência — dizia-me com os olhos — de que suas perguntas me aborreciam, que a contínua pretensão de se imiscuir em minha vida era indiscreta, injustificada. Mas, meu Deus, ele não era meu pai? E eu não via como ele tinha envelhecido naquele último ano? Não era o caso de ele se abrir com mamãe e Fanny: eram mulheres. Nem com Ernesto: ainda *putin*.^[6] Então, com quem ele podia falar? Será que eu não entendia que ele precisava justamente de mim?

Contei de má vontade o assunto da conversa.

“E você vai?”

Nem me deu tempo de responder. Na sequência, com a animação que demonstrava toda vez que se lhe apresentava um pretexto para me arrastar a uma conversa qualquer, melhor ainda se de política, já mergulhara de cabeça em uma “análise da situação”.

Lamentavelmente era *verdade*, começou recapitulando, incansável: no último 22 de setembro, depois do primeiro anúncio oficial do dia 9, todos os jornais haviam publicado aquela tal circular do secretário do Partido listando as várias “medidas práticas” que as federações das províncias teriam de aplicar imediatamente em relação a nós. No futuro, “permanecendo vetadas a celebração de casamentos mistos e a exclusão de qualquer jovem, reconhecido como pertencente à raça judia, de todas as escolas públicas de quaisquer ordem ou grau”, além da dispensa, para os mesmos, da obrigação “altamente honorífica” do serviço militar, nós, “judeus”, não poderíamos publicar necrológios nos jornais, constar das listas telefônicas, manter empregadas domésticas de raça ariana nem

passada no templo, para o Rosh Hashaná (eu não quisera ir, como sempre: e mais uma vez tinha agido mal). Sim, tinha sido bastante curioso, justo no ápice do culto e com os bancos já quase todos ocupados, ver a certa altura Ermanno Finzi-Contini, a esposa e até a sogra, acompanhados pelos dois filhos e pelos indefectíveis tios Herrera de Veneza — ou seja, a tribo inteira, sem nenhuma distinção entre homens e mulheres —, fazerem seu regresso solene à sinagoga italiana depois de cinco anos de desdenhoso isolamento na espanhola: e com umas expressões tão satisfeitas e benevolentes como se pretendessem, com sua simples presença, premiar e *perdoar* não só os que estavam ali, mas também toda a comunidade. De todo modo, é claro que aquilo não tinha sido suficiente. Agora chegavam ao cúmulo de convidar pessoas à sua casa: ao Barchetto del Duca, imagine!, onde desde os tempos de Josette Artom nenhum concidadão ou forasteiro pusera os pés senão em casos de estrita emergência. E eu queria saber por quê? Porque estavam contentes com o que estava se passando! Porque para eles, *halti* como sempre foram (contrários ao fascismo, tudo bem, mas acima de tudo *halti*), *as leis raciais no fundo lhes davam prazer!* Mas se pelo menos fossem bons sionistas! Já que aqui, na Itália e em Ferrara, sempre se sentiram tão incomodados, tão deslocados, que pelo menos tivessem aproveitado a situação para se transferir de uma vez por todas para Erez! Mas que nada. Além de reservar de vez em quando um pouco de dinheiro para Erez (em todo caso, nada de extraordinário), nunca quiseram fazer nenhuma coisa além disso. Sempre preferiram gastar sua verdadeira fortuna em futilidades aristocráticas: como quando, em 1933, para conseguir um *ehàl* e um *parochèt* dignos de figurar em sua sinagoga pessoal (meros mobiliários sefarditas, meu Deus, e que não fossem portugueses, ou catalães, ou provençais, mas autênticos espanhóis, e na justa medida!), foram de carro, escoltados por um Carnera,^[8] até nada menos que Cherasco, na província de Cuneo, um povoado que até 1910, ou pouco antes, fora a sede de uma pequena comunidade já extinta, e onde apenas o cemitério continuava ativo porque algumas famílias de Turim originárias do local,

quando estive há dois anos na Ca' Foscari, para os *Littoriali*. Sinceramente. Aquilo foi a página mais terrível da minha vida.”

“Mas por quê? No fim das contas... Aliás, confesso que a certa altura, quando soube que você estaria lá, bem que eu quis ir torcer... pela nossa bandeira. Mas ouça: se lembra daquela vez na Muralha degli Angeli, aqui fora, no ano em que você ficou de recuperação em matemática? Chorava que nem um bezerro, *pobre coitado*: e tinha uns olhos! Eu queria te consolar. Até insisti para você pular o muro e entrar no jardim. Mas por que foi mesmo que você acabou não entrando? Só sei que *não* entrou, mas não lembro o motivo.”

“Porque alguém nos flagrou bem na hora H.”

“Ah, é verdade, Perotti, aquele *cachorro* do Perotti, o jardineiro.”

“Jardineiro? Achava que fosse cocheiro.”

“Jardineiro, cocheiro, chofer, porteiro, tudo.”

“Ainda está vivo?”

“E como!”

“E o cachorro, o cachorro de verdade, o que ficou latindo?”

“Quem? Jor?”

“Esse, o dinamarquês.”

“Também continua vivinho da silva.”

Ela repetiu o convite do irmão (“Não sei se Alberto já lhe ligou: por que você não vem bater uma bolinha aqui em casa?”), mas sem insistir e sem fazer referência, ao contrário dele, à carta do marquês Barbicinti. Não mencionou senão o puro prazer de nos revermos depois de tantos anos e de aproveitarmos juntos, bem na cara de todas as proibições, tudo de bom que restava da bela estação.

prova em contrário, de se começar a gritar “parem!”, de se entrar na quadra de braços abertos, proclamando a suspensão da partida por “patente escassez de luz”, e postergar seu prosseguimento e conclusão para a tarde do dia seguinte. De resto, o senhor marquês não agia de boa-fé, de jeito nenhum! E mesmo que ela não tivesse notado, já no final do primeiro set, o marquês confabulando direto com aquela “alma negra” do Gino Cariani, secretário do GUF (os dois se puseram um pouco à parte das pessoas, ao lado dos vestiários), Cariani que, talvez para dar menos na vista, estava completamente de costas para a quadra, bastaria ver a cara do marquês no instante em que se inclinou para abrir a cancela de acesso, pálida e transtornada como nunca se viu igual (“uma cara de quem viu fantasma, apavorado!”), para se dar conta de que a patente falta de luz não passava de uma desculpa esfarrapada, pura enrolação. Aliás, tinha como duvidar? E não se falou mais do match interrompido, já que, na manhã do dia seguinte, Bruno também recebeu uma carta idêntica à minha: “como queríamos demonstrar”. E ela, Adriana, ficou tão enojada e indignada com toda essa história que jurou não pôr mais os pés no Eleonora d'Este: pelo menos por um tempo. Tinham algo contra Bruno? Se tinham, podiam perfeitamente ter vetado sua inscrição no torneio. Dizer com franqueza: “Como as coisas estão assim e assado, lamentamos, não é possível aceitar sua inscrição”. Mas em plena competição, com o torneio já no final, aliás, a um triz de ele vencer uma das finais, não podiam de jeito nenhum se comportar como se comportaram. Quatro a dois. Que indecência! Esse tipo de atitude era coisa de zulus, não de pessoas de bem, civilizadas!

Adriana Trentini falava cada vez mais exaltada; e de vez em quando Bruno também intervinha, acrescentando detalhes.

Segundo ele, a partida fora interrompida sobretudo por causa de Cariani, e quem o conhecia não podia esperar outra coisa dele. Era evidente até demais: um “zé-ninguém” daquele tipo, com peito de tuberculoso e ossos de passarinho, cujo único pensamento desde que pôs os pés no GUF foi o de fazer carreira lá dentro, e por isso mesmo não perdia uma oportunidade, em

Tivemos realmente muita sorte naquela estação. Durante dez ou doze dias o tempo se manteve perfeito, firme naquela espécie de suspensão mágica, de uma imobilidade vítrea e luminosa que é típica de certos outonos nossos. Fazia calor no jardim: apenas um pouco menos que no verão. Quem quisesse, podia continuar jogando tênis até umas cinco e meia da tarde ou mais, sem temer que a umidade da noite, já tão intensa em novembro, danificasse as cordas das raquetes. Àquela hora, naturalmente, não se via quase nada na quadra. Mas a luz que continuava dourando lá nas lonjuras os declives relvosos da Muralha degli Angeli, repletos, em especial aos domingos, de uma sossegada multidão colorida (garotos correndo atrás da bola, babás sentadas a tricotar ao lado dos carrinhos de bebê, militares de folga, casais de namorados procurando lugares onde se abraçar), aquela última luz convidava a insistir nas partidas, não importa se agora quase às cegas. O dia ainda não havia acabado, valia a pena jogar mais um pouco.

Voltávamos todas as tardes, de início avisando com um telefonema, depois nem isso; e sempre os mesmos, às vezes com a exceção de Giampiero Malnate, que conhecia Alberto desde 1933, de Milão, e ao contrário do que eu pensara no primeiro dia, ao vê-lo em frente ao portão dos Finzi-Contini, não só jamais vira os quatro jovens que estavam com ele, como tampouco tinha qualquer relação com o Eleonora d'Este ou com seu vice-presidente e secretário, o marquês Ippolito Barbicinti. Os dias se mostravam bonitos demais e, ao mesmo tempo, insidiados pelo inverno iminente. Perder um só deles parecia um crime. Sem marcarmos um encontro, chegávamos sempre por volta das duas, logo depois do almoço. A princípio, a cena de todos nós diante do portão tornou a repetir-se com frequência, à espera de que Perotti viesse abri-lo. Porém, depois de uma semana, a

suas filhas, Dirce ou Gina, as duas mais ou menos da mesma idade de Micòl e ambas a serviço “da casa”, Dirce como camareira e Gina como cozinheira (por sua vez, os dois filhos, Titta e Bepi, o primeiro de uns trinta anos, o segundo de dezoito, cuidavam do parque, cumprindo a dupla função de jardineiro e horticultor: às vezes os víamos de relance, à distância, trabalhando encurvados, rápidos ao dirigir a nós, que corríamos nas bicicletas, o lampejo de seus olhos azuis e irônicos; nunca tivemos mais que esse contato). Ela, a filha, vinha por seu turno descendo a vereda que partia da *magna domus* até a quadra de tênis, empurrando um carrinho de rodas emborrachadas, também repleto de jarras, bules, copos e xícaras. E dentro dos bules de porcelana e de estanho havia uma variedade de chás, leite e café; dentro das peroladas jarras de cristal da Boêmia, limonada, sucos de fruta e Skiwasser, uma bebida refrescante composta de água e xarope de framboesa, em partes iguais, acrescida de uma fatia de limão e algumas bagas de uva, que Micòl preferia a qualquer outra e da qual se mostrava especialmente orgulhosa.

Ah, o Skiwasser! Nos intervalos das partidas, além de mordiscar aqui e ali algum sanduíche, dentre os quais sempre escolhia os de presunto de porco, não sem ostentar certo inconformismo religioso, com frequência Micòl tragava de um só gole um copo inteiro de sua querida “beberagem”, incitando-nos com insistência a bebermos um também, “em louvor” — dizia rindo — “ao falecido Império Austro-Húngaro”. A receita — dissera-nos — lhe havia sido dada justamente na Áustria, em Hofgastein, no inverno de 1934: o único inverno em que ela e Alberto, “em coalizão”, conseguiram escapar sozinhos por umas duas semanas, para esquiar. E embora o Skiwasser, como o nome testemunhava, fosse uma bebida de inverno, razão pela qual devia ser servida escaldante, mesmo na Áustria havia pessoas que, para não deixar de bebê-la, a tomavam assim, em “versão” gelada e sem a fatia de limão, chamando-a naquele caso de Himbeerwasser.

De todo modo, era para tomarmos nota, acrescentou com

jogo.”

Não foi atendido. Micòl e Alberto se apressaram em nos apresentar; especialmente Micòl. Além de anunciar nomes e sobrenomes, demorava-se a ilustrar o que, de cada um, supunha suscitar o interesse do pai: estudos e ocupações em primeiro lugar. Começou por mim e por Bruno Lattes, falando tanto de um quanto de outro com um modo destacado, marcadamente objetivo; como para, naquela circunstância específica, impedir o pai de uma eventual atitude de reconhecimento ou preferência especiais. Éramos “os dois literatos da quadrilha”, “tipos excelentes”. Então passou a Malnate. Eis um belo exemplo de devoção científica! — exclamou com ênfase irônica. Apenas a química, pela qual nutria uma paixão evidentemente irresistível, poderia induzi-lo a deixar para trás uma metrópole tão cheia de recursos como Milão (“*Milán l'è on gran Milàn!*”) e vir enterrar-se em uma “cidadezinha qualquer” como a nossa.

“Trabalha na zona industrial”, explicou Alberto, simples e sério. “Num estabelecimento da Montecatini.”

“Deveriam produzir borracha sintética”, riu Micòl, “mas parece que até agora não conseguiram.”

O professor Ermanno tossiu. Apontou um dedo para Malnate.

“O senhor foi colega de universidade de Alberto”, indagou, gentil. “Não é verdade?”

“Bem, em certo sentido”, respondeu o outro, assentindo com um aceno de cabeça. “Afora as faculdades diferentes, eu estava três anos mais adiantado. Mas mesmo assim fizemos ótima companhia.”

“Sei, sei. Meu filho nos falou com frequência do senhor. Inclusive nos disse que esteve várias vezes na sua casa e que seus pais, em diversas ocasiões, trataram-no com grande gentileza e atenção. Poderia agradecer-lhes em nosso nome, quando os reencontrar? Estamos muito felizes por tê-lo aqui, na nossa casa. E trate de voltar, hein... volte todas as vezes que tiver vontade.”

Virou-se para Micòl e lhe perguntou, indicando Adriana:

“E esta senhorita, quem é? Se não estou enganado, deve ser uma Zanardi...”

“Não o conhece?”

Respondi que não.

“Ah, mas deve, *deve* tentar visitá-lo assim que puder!”, fez ele, com vivo entusiasmo. “É um monumento nacional! De resto, você, que é um literato, com certeza se lembra do começo do *Edmenegarda*, de Giovanni Prati.”

Fui mais uma vez forçado a confessar minha ignorância.

“Pois bem”, retomou o professor Ermanno, “Prati inicia sua *Edmenegarda* precisamente ali, no cemitério israelita do Lido, considerado no século XIX um dos lugares mais românticos da Itália. Mas atenção: se e quando você for, não se esqueça de dizer imediatamente ao vigia do cemitério (é ele quem tem a chave do portão) que quer visitar o *antigo*, veja bem, o cemitério antigo, onde não se sepulta ninguém desde o século XVIII, e não o outro, o moderno, adjacente a ele, mas separado. Eu o descobri em 1905, imagine. Embora eu tivesse quase o dobro da idade que você tem hoje, ainda era solteiro. Morava em Veneza (vivi dois anos lá), e o tempo que não passava no Arquivo do Estado, no Campo dei Frari, vasculhando manuscritos relativos às várias chamadas nações em que se dividia a comunidade veneziana nos séculos XVI e XVII — a nação levantina, a ponentina, a alemã, a italiana —, eu passava lá, às vezes até no inverno. Mas é verdade que eu quase nunca ia sozinho”, e aqui sorriu, “e que de algum modo, decifrando uma a uma as lápides do cemitério, das quais muitas remontam ao início do século XVI e são escritas em espanhol e português, eu prosseguia ao ar livre meu trabalho no arquivo. Ah, eram tardes deliciosas... Que paz, que serenidade... com o portãozinho bem na frente da laguna, que se abria apenas para nós. Ficamos noivos justo ali dentro, Olga e eu.”

Ficou um pouco em silêncio. Aproveitei para perguntar qual era o tema específico de suas pesquisas de arquivo.

“A princípio, tinha a ideia de escrever uma história dos judeus de Veneza”, respondeu: “uma matéria que me foi sugerida pela própria Olga, e que Roth, o inglês Cecil Roth (judeu), desenvolveu com brilhantismo uma década depois. Até que, como muitas vezes acontece com historiadores

Foi Micòl quem quis me mostrar o jardim. Fazia questão. “Acho que tenho um certo direito”, disse, irônica, olhando para mim.

No primeiro dia, não. Joguei tênis até tarde, e foi Alberto que, ao terminar a disputa com a irmã, me acompanhou até uma espécie de cabana alpina em miniatura (*Hütte*, como a chamavam Micòl e ele), semioculta em meio a um bosque de abetos e a uns cem metros da quadra, em cuja cabana ou *Hütte*, adaptada para vestiário, pude me trocar e mais tarde, ao anoitecer, tomar uma ducha quente e me vestir.

Mas no dia seguinte as coisas tomaram um rumo diferente. Uma partida de duplas que opunha Adriana Trentini e Bruno Lattes aos dois adolescentes de quinze anos (com Malnate sentado na cadeira de árbitro, fazendo as vezes do paciente contador de pontos) logo se transformou em um daqueles confrontos que não acabam nunca.

“O que vamos fazer?”, Micòl me perguntou a certa altura, pondo-se de pé. “Para esses daí darem lugar à gente, tenho a impressão de que eu, você, Alberto e o amigo milanês teremos de esperar uma boa hora. Escute: e se, enquanto esperamos, a gente fosse dar uma volta para ver umas árvores?” Assim que a quadra estiver livre, acrescentou, com certeza Alberto vai dar um jeito de nos chamar. Era só meter três dedos na boca, e tome-lhe seu famoso assobio!

Virou-se sorrindo para Alberto, que, espichado ali perto em uma terceira espreguiçadeira, com o rosto coberto por um chapéu de palha da roça, cochilava ao sol.

“Não é verdade, senhor paxá?”

Debaixo do chapéu, o senhor paxá assentiu com um movimento de cabeça, enquanto nos afastávamos. Sim, o irmão dela era formidável — continuava me explicando Micòl. Sempre

e frutas, dobrar os lábios no trejeito entre enternecido e desdenhoso que o coração sugeria.

Mais tarde, exauridas as catalogações, tiveram início “as pias peregrinações”. E como todas as peregrinações, segundo Micòl, deviam ser feitas a pé (do contrário, que espécie de peregrinos eles seriam?), paramos de usar as bicicletas. Então íamos a pé, quase sempre acompanhados passo a passo por Jor.

Para começar, fui levado a conhecer um pequeno e isolado embarcadouro no canal Panfilio, escondido em meio a uma densa vegetação de salgueiros, choupos-brancos e copos-de-leite. Era provável que daquele minúsculo porto, todo cercado por bancos musgosos de cerâmica vermelha, antigamente se zarpasse para chegar tanto ao Pó quanto à Fossa do Castelo. Ela e Alberto também zarpavam dali quando garotos — disse Micòl —, em longas remadas em uma canoa de pagaia dupla. Nunca haviam chegado de barco aos pés das torres do Castelo, em pleno centro urbano (como eu bem sabia, atualmente o Panfilio só se comunicava com a Fossa do Castelo por via subterrânea). Mas até o Pó, bem na frente da Isola Bianca, eles já tinham chegado, e como! Hoje, “*ça va sans dire*”, não era mais o caso de tentar recuperar a canoa: semidestruída, coberta de pó, reduzida a um “espectro de canoa”, quem sabe um dia eu poderia ver sua carcaça na garagem, caso ela se lembrasse de me levar até lá. Mas ela nunca deixou de frequentar os bancos do embarcadouro: ia ali sempre, sempre. Talvez porque ainda se servisse deles a fim de preparar-se para os exames em santa paz, quando começava a fazer calor, e talvez porque... O fato é que aquele local continuou sendo de algum modo *seu*, exclusivamente: seu refúgio pessoal e secreto.

Em outra ocasião, fomos parar nos Perotti, que moravam em uma autêntica habitação colonial, com celeiro e estábulo anexos, a meio caminho entre a casa dos patrões e a área do pomar.

Fomos recebidos pela esposa do velho Perotti, Vittorina, uma pálida *arzdóra*^[12] de idade indefinível, triste, magra e seca; e por Italia, a esposa do filho mais velho, Titta, uma trintona de Codigoro, gorda e robusta, com olhos de um azul-celeste aquoso

por tim-tim.”

“Oh, não duvide, *vossa* ausência foi enormemente sentida, senhor livre-pensador!”, respondeu ela. “Por mim também.”

Então prosseguiu, séria:

“O que você queria... agora estamos todos no mesmo barco. A essa altura, também acho que continuar fazendo tantas distinções seria bastante ridículo.”

Em outro dia, o último, começara a chover e, enquanto o pessoal se abrigava na *Hütte* jogando baralho e pingue-pongue, nós dois, sem temor de nos encharcar, atravessamos correndo meio parque e fomos nos refugiar no depósito. O depósito atualmente funcionava apenas como depósito — disse-me Micòl. Porém, em outros tempos, uma boa metade do vão interno fora equipada à maneira de um salão de ginástica, com barras fixas, cordas, barras de equilíbrio, argolas, espaldar sueco etc.; e isso só para que ela e Alberto também pudessem se apresentar bem preparados nos exames anuais de educação física. É claro que as aulas que o professor Anacleto Zaccarini, aposentado havia séculos e hoje com mais de oitenta anos (imagine!), lhes dava uma vez por semana não eram muito sérias. Mas eram divertidas, talvez as mais divertidas de todas. Ela nunca se esquecia de levar para a ginástica uma garrafa de vinho de Bosco. E o velho Zaccarini, já normalmente de nariz e bochechas vermelhas, ia ficando roxo à medida que a esvaziava devagar, até a última gota. Certas noites de inverno, quando ele ia embora, dava até a impressão de emanar luz própria...

Tratava-se de uma construção de tijolos escuros, baixa e comprida, com duas janelas laterais protegidas por robustos gradeados, de teto inclinado coberto de telhas, e as paredes externas forradas quase por inteiro de hera. Não distante do celeiro dos Perotti e do paralelepípedo envidraçado de uma estufa, chegava-se até ali atravessando um amplo portão pintado de verde, que dava para a parte oposta à Muralha degli Angeli, na direção da casa dos patrões.

Paramos um momento na soleira, rente ao portão. Chovia a cântaros, formando linhas de água oblíquas e muito longas sobre

Parte 3

Eram onze da manhã.

“Você não é das mais madrugadoras”, observei.

“Ah, você também!”, se queixou. “Que papai, aos setenta anos feitos e com tudo o que está acontecendo, continue a se levantar todos os dias às seis e meia para dar o bom exemplo, como ele diz, e nos induzir a não ceder à preguiça em plumas macias, *transeat*;^[17] mas que até os melhores amigos, agora, se metam a pedagogos, me parece francamente excessivo. Sabe desde que horas está de pé esta que vos fala, meu querido? Desde as sete. E ainda ousa se espantar, às onze, ao me pegar de novo na cama! De resto, não durmo: leio, rabisco umas linhas da tese, olho pela janela. Sempre faço um monte de coisas quando estou na cama. O calor das cobertas me deixa incomparavelmente mais ativa.”

“Me descreva seu quarto.”

Estalou várias vezes a língua contra os dentes, em sinal de negação.

“Isso nunca. *Verboten. Privat*. Posso, se você quiser, descrever o que vejo pela janela.”

Através dos vidros, em primeiro plano, via as copas barbudas de suas *Washingtonia gracilis*, que a chuva e o vento estavam castigando “indecorosamente”: vai saber se os cuidados de Titta e Bepi, que já tinham começado a enfaixar seus troncos com as habituais camisas de palha de todos os invernos, seriam suficientes para preservá-las nos próximos meses da morte por congelamento iminente a cada regresso da má estação — algo que até hoje, por sorte, sempre foi evitado. Depois, mais adiante, escondidas aqui e ali por farrapos de névoa vagante, via as quatro torres do Castelo, que o aguaceiro tornara negras como tições apagados. E, por trás das torres, pálidos de dar arrepio e também ocultos parcialmente pela névoa, os mármores longínquos da fachada e do campanário da catedral... Oh, a névoa! Quando ficava assim, ela não gostava: fazia-lhe pensar em trapos sujos. Mas cedo ou tarde a chuva passaria; e então a névoa, atravessada pelos fracos raios de sol da manhã, se transformaria num quê de precioso, de delicadamente opalescente, com reflexos muito

deitados no sofá, beijando-se a toda), mas, que ela fosse um tipo capaz de manter de pé uma *coisa* tão compromissada, a despeito das leis raciais e dos parentes dele e dela, isso eram outros quinhentos. Realmente Bruno não teria um inverno fácil, de jeito nenhum. E não que Adriana fosse uma garota ruim, nada disso! Quase da altura de Bruno, loura, com aquela pele esplêndida à la Carole Lombard que tinha, em outras circunstâncias talvez fosse mesmo a mulher adequada para Bruno, o qual, pelo que se vê, gostava do gênero “bem ariano”. De resto, que ela fosse um tanto leviana e vazia, e inconscientemente cruel, ah, sim!, isso era incontestável. Eu não me lembrava da cara enfezada que ela fez para o coitado do Bruno quando, em dupla com ele, perdeu a famosa partida da revanche contra a dupla Désirée Baggioli e Claudio Montemezzo? Foi principalmente ela quem perdeu o confronto, com aquela enfiada de duplas faltas que cometeu (pelo menos três em cada game), e não Bruno! No entanto, como é uma inconsequente, durante toda a partida não parou de dizer poucas e boas a ele, como se o próprio Bruno, coitado!, já não estivesse suficientemente abatido e triste com o resultado. Teria sido o caso de rir, sério; embora, pensando bem, a história toda tenha deixado um gosto amargo! Mas não tem jeito. Parece de propósito, moralistas feito Bruno sempre se apaixonam por tipinhos como Adriana, e daí os ataques de ciúmes, as perseguições, surpresas, lágrimas, juras, quem sabe uns tapas... e chifres, olhe só, chifres que não acabam mais. Não, não: no fim das contas, Bruno deveria acender uma vela às leis raciais. Ele tinha pela frente um inverno difícil, é verdade. Mas as leis raciais, nem sempre imprevidentes, como se vê, o impediram de cometer uma bobagem maior: a de ficar noivo.

“Não acha?”, acrescentou. “Além disso, assim como você, ele também é das letras, um tipo com pretensões literárias. Acho que há uns dois ou três anos vi uns versos dele publicados na página de cultura do *Padano*, com o título de ‘Poesias de um vanguardista’.”

“Veja só!”, suspirei. “De todo modo, o que você quer dizer

semicerrados do portão do depósito (de vez em quando eu percebia a pequena cabeça réptil da mulher, lustrosa de cabelos lisos, corvinos, avançar cautelosa além da margem do batente), sua esposa estava lá, facciosa, a mirá-lo com seu olho escuro e descontente, preocupado, lançando-lhe de esguelha gestos e trejeitos convencionais.

E estávamos até no quarto dela, Micòl e eu, e mais uma vez não a sós, mas “*constrangidos*” (foi ela quem sussurrou) pela inevitável presença estranha, que dessa vez era a de Jor, agachado no centro do cômodo como um enorme ídolo de granito; Jor, que nos encarava com seus dois olhos de gelo, um preto e outro azul. O aposento era comprido e estreito, apinhado como uma despensa de alimentos, com toranjas, laranjas, tangerinas e sobretudo *lattimi*, organizados em fila como livros nas prateleiras de grandes estantes negras, austeras, eclesiásticas, que iam até o teto; e os *lattimi* não eram absolutamente os objetos de vidro descritos por Micòl, mas, como eu havia suposto, queijos, pequenas e gotejantes figuras de queijo esbranquiçado, em formato de garrafa. Rindo, Micòl insistia para que eu provasse e saboreasse um deles. E eis que se espichava na ponta dos pés e já estava quase tocando com o indicador estendido da mão direita um dos que estavam postos mais no alto (os de lá de cima eram os melhores — ela me explicava —, os mais frescos), mas eu não, não aceitava de jeito nenhum, angustiado não só pela presença do cão, mas também pela consciência de que lá fora, enquanto conversávamos, a maré lacustre estava subindo rapidamente. Se eu demorasse mais um pouco, a água alta me imobilizaria, impedindo-me de sair de seu quarto sem ser notado. De fato, eu entrara ali de noite e às escondidas, no quarto de Micòl: escondido de Alberto, do professor Ermanno, de dona Olga, da avó Regina, dos tios Giulio e Federico, da cândida sra. Blumenfeld. E Jor, que era o único a saber, testemunha exclusiva da *coisa* que entre nós *também* havia, este não podia dizer nada.

Sonhava ainda que agora nos falávamos finalmente às claras, sem mais fingimentos, com as cartas na mesa.

avenida Roma, ou dispersas ao longo da Giovecca. Ah, então era eu?, repetiu. Bem que ele tinha desconfiado! De todo modo, se era eu, por que não respondi aos chamados dele, aos seus assovios? Não escutei?

Não escutei — voltei a mentir —, aliás, nem tinha notado que ele estava no jardim. E agora não tínhamos mais nada a nos dizer, mais nada com que preencher o repentino silêncio que se abrira entre nós.

“Mas você... você queria falar com Micòl, não é?”, ele disse afinal, como se recordando.

“Pois é”, respondi. “Poderia chamá-la, por favor?”

Ele a chamaria com o maior prazer, replicou. Acontece que (era muito estranho que, pelo visto, “aquele anjo” não me tivesse avisado) Micòl tinha ido no início da tarde para Veneza, com o mesmo propósito de salvar seu pescoço da tese. Descera para o almoço já vestida para a viagem, com malas e tudo, anunciando sua intenção à “família boquiaberta”. Não aguentava mais, declarou, sentir aquele trabalhinho pesando no estômago. Em vez de junho, ela se formaria em fevereiro: o que em Veneza, com as bibliotecas Marciana e Querini-Stampalia à disposição, seria a coisa mais fácil do mundo, ao passo que em Ferrara, não; por um monte de motivos, sua tese sobre Dickinson nunca avançaria no ritmo necessário. Foi o que ela disse. Mas quem sabe se resistiria à atmosfera depressiva de Veneza, e de uma casa (a dos tios) que ela não amava. O mais provável é que, dali a uma ou duas semanas, a víssemos voltar à base com a viola no saco. Nem em sonho ele imaginaria Micòl passando mais de vinte dias seguidos longe de Ferrara, nunca...

“Ah”, concluiu. “Seja como for, o que você diria (nesta semana é impossível, na próxima, também, mas na outra daria, acho que seria possível), o que você diria de combinarmos uma ida de carro até Veneza? Seria divertido aparecermos do nada na frente da irmãzinha: eu, você e o Giampi Malnate, por exemplo!”

“É uma ideia”, respondi. “Por que não? Podemos falar sobre o assunto.”

completamente escura, exceto por uma luz branca e vivíssima que saía em fluxos de uma pequena porta térrea, aberta evidentemente para me acolher.

Desci da bicicleta e fiquei parado por um instante, olhando a soleira deserta. Cortada na transversal pela folha esquerda da porta que permanecera fechada, eu podia entrever uma escada pequena e íngreme, recoberta por uma faixa de tapete vermelho: de um vermelho vivo, escarlate, sanguíneo. A cada degrau, uma barra de latão polida e cintilante, como se fosse de ouro.

Depois de apoiar a bicicleta na parede externa, inclinei-me para prendê-la com o cadeado. E ainda estava ali, na sombra, inclinado rente à porta através da qual, além da luz, emanava uma boa quentura de aquecedor (no escuro, não conseguia manejar bem o cadeado, de modo que já pensava em acender um fósforo), quando de repente a voz familiar do professor Ermanno ressoou próxima.

“O que você está fazendo? Está trancando à chave?”, dizia o professor, parado na soleira. “Mas faz muito bem. Nunca se sabe, prudência nunca é demais.”

Como sempre sem compreender se ele zombava veladamente de mim com sua gentileza um tanto lamuriosa, levantei-me de pronto.

“Boa tarde”, falei, tirando o chapéu e estendendo-lhe a mão.

“Boa tarde, meu caro”, respondeu ele. “Mas pode ficar com o chapéu, pode ficar!”

Senti sua mão pequena e gorducha insinuar-se quase inerte na minha e retirar-se imediatamente. Estava sem chapéu, com uma velha boina esportiva baixada até os óculos e uma echarpe de lã em torno do pescoço.

Espreitou desconfiado em direção à bicicleta.

“Você a trancou, não é?”

Respondi que não. Então ele, contrariado, insistiu que eu voltasse atrás e fizesse o favor de trancá-la à chave, porque — repetiu — nunca se sabe. Um furto era improvável, continuava dizendo da soleira, enquanto eu de novo tentava introduzir entre os raios da roda posterior o gancho do cadeado. Todavia não era

externa, mas, antes de puxá-la para si, espichou a cabeça para fora e escrutou o corredor.

“E Malnate?”, perguntei. “Ainda não chegou?”

“Não, ainda não”, respondeu enquanto voltava.

Fez que lhe passasse o chapéu, a echarpe, o casaco, e então desapareceu no cômodo ao lado. Deste, entrevisto pela porta comunicante, me foi dado perceber já alguma coisa: parte da cama coberta por uma colcha de lã xadrez em vermelho e azul, de tipo esportivo, aos pés dela um pufe de couro e, pendurado na parede lateral à estreita passagem que dava no banheiro, também este semiaberto, um pequeno nu masculino de De Pisis enquadrado em uma moldura simples e clara.

“Sente-se”, disse Alberto. “Volto logo.”

De fato, ele logo reapareceu, e agora, sentado à minha frente na mesma poltrona de onde o vi levantar-se pouco antes com uma levíssima ostentação de cansaço, talvez de tédio, me examinava com uma estranha expressão de simpatia destacada, objetiva, que nele, como eu sabia, era sinal do máximo interesse pelos outros de que era capaz. Sorria para mim revelando os grandes incisivos da família materna: grandes e fortes demais para seu rosto comprido e pálido, e mesmo para as gengivas que os encimavam, não menos exangues que o rosto.

“Quer ouvir um pouco de música?”, propôs, acenando para um rádio-gramofone disposto no canto do estúdio, ao lado da entrada. “É um Philips, realmente muito bom.”

Fez que ia se levantar de novo da poltrona, mas o detive.

“Não, espere”, falei, “talvez depois.”

Olhei ao redor.

“Que discos você tem?”

“Ah, um pouco de tudo: Monteverdi, Scarlatti, Bach, Mozart, Beethoven. Também *disponho* de bastante jazz, mas não se assuste: Armstrong, Duke Ellington, Fats Waller, Benny Goodman, Charlie Kunz...”

Continuou listando nomes e títulos, gentil e equânime como de costume, mas com indiferença: nem mais nem menos como se me deixasse escolher em um cardápio de pratos que ele

Mais que o genérico “até logo” que troquei com Alberto ao me despedir, foi uma carta de Micòl, postada dias depois, que me convenceu a voltar lá.

Tratava-se de uma cartinha espirituosa, nem muito longa nem muito curta, escrita nas quatro faces de duas folhas de papel azul que uma caligrafia ao mesmo tempo impetuosa e leve preencheria rapidamente, sem incertezas ou correções. Micòl iniciava com um pedido de desculpas: viajara de repente, sem nem me dar tchau, e isso não tinha sido elegante de sua parte, estava prontíssima a admiti-lo. Porém, antes de partir — acrescentava —, havia tentado me ligar, mas infelizmente não me encontrou; além disso, recomendara a Alberto que, se por acaso eu não me fizesse vivo, ele mesmo me procurasse. Se foi assim que se passou, isso quer dizer que ele, Alberto, manteve o juramento de me resgatar “custasse o que custasse”? Ele, com sua famosa fleuma, sempre deixava todos os contatos se perderem, e no entanto precisava tanto desses contatos, o desgraçado! A carta prosseguia por mais duas páginas e meia, discorrendo sobre a tese agora “de velas soltas rumo ao porto final”, referindo-se a Veneza que no inverno “simplesmente fazia chorar”, e encerrando de surpresa com a tradução em versos de um poema de Emily Dickinson.

Esta:

*Morii per la Bellezza: e da poco ero
discesa nell'avello,
che, caduto pel Vero, uno fu messo
nell'attiguo sacello.*

“Perché sei morta?”, mi chiese somnesso.

Dissi: “Morii pel Bello”.
“Io per la Verità; dunque è lo stesso,
— disse —, son tuo fratello.”

Da tomba a tomba, come due congiunti
incontratisi a notte,
parlavamo così; finché raggiunti
l'erba ebbe nomi e bocche.^[22]

Em seguida, um postscriptum que dizia textualmente: “*Alas, poor Emily*. Eis o tipo de compensação com que deve contentar-se a abjeta solteirice!”.

Gostei da tradução, mas foi sobretudo o postscriptum que me tocou. A quem eu deveria referi-lo? À “*poor Emily*” ou, mais ainda, a uma Micòl em fase depressiva, de autocomiseração?

Ao responder, mais de uma vez tive o cuidado de me ocultar atrás de espessas cortinas de fumaça. Depois de mencionar minha primeira visita à casa dela, omitindo quão decepcionante tinha sido para mim e prometendo que voltaria em breve, mantive-me prudentemente colado à literatura. Estupendo o poema de Dickinson — escrevi —, mas ótima também a tradução que ela fizera, e precisamente porque de um gosto um tanto ultrapassado, um pouco “à la Carducci”. Tinha apreciado acima de tudo sua fidelidade. Dicionário na mão, eu a cotejara com o texto inglês, não encontrando nela nada discutível, com a exceção, talvez, de um ponto, ou seja, onde ela traduziu *moss*, que significa propriamente “musgo, mofo”, por “relva”. Quer dizer, continuei: mesmo assim como estava, a tradução dela funcionava muito bem, já que nessa matéria é sempre preferível uma bela infidelidade a uma feiura rasteira. De todo modo, o defeito que eu assinalava era plenamente remediável. Bastaria ajustar a última estrofe assim:

Da tomba a tomba, come due congiunti
incontratisi a notte,
parlavamo così; finché il muschio raggiunti